

O CONTO O BÚFALO DE CLARICE LISPECTOR: UMA ANÁLISE MITOLÓGICA**Andreia da Silva Santos¹, Flávio Asevêdo², Luciano Barbosa Justinoⁿ**

¹ Doutoranda em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)/Centro de Educação (Ceduc) / Rua da União, 563, aptº 503, Boa Vista, Recife (PE), CEP. 50050-010, e-mail: asjornalista@yahoo.com.br

² Mestrando em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)/Centro de Educação (Ceduc) / Rua da União, 563, aptº 503, Boa Vista, Recife (PE), CEP. 50050-010, e-mail: flavioasevedo@gmail.com

ⁿ Professor Doutor do Curso de Letras do Centro de Educação (Ceduc) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor e Coordenador do Mestrado em Literatura e Interculturalidade (MLI) do Centro de Educação da (UEPB)/ Avenida Floriano Peixoto, 1461- Centro – Campina Grande (PB) CEP: 50101-001. e-mail: lucianobjustino@pq.cnpq.br

Resumo- O presente artigo que ora se apresenta tem por objetivo analisar o conto *O búfalo* (1988) de Clarice Lispector, sob uma perspectiva mitológica. A escolha da investigação através deste aspecto teórico-metodológico deu-se pelo fato da narrativa clariceana apresentar vários elementos mítico-simbólicos, assim, resolveu-se atentar para cada um deles e desmistificá-los, procurando de certa forma “traduzi-los”. Vale salientar que a escrita de Clarice Lispector se apresenta sob o domínio do hermético. Para a construção do exame foram utilizadas as referências teóricas de autores que tratam da temática que permeiam o imaginário, a memória, os símbolos e, sobretudo os mitos, entre eles estão: Eliade (1991), Durand, (2001) Bachelard (2001) e Sousa Filho (1995)

Palavras-chave: O búfalo, Clarice Lispector, conto
Área do Conhecimento: Letras

Introdução

O conto *O búfalo* (1998) está contido na obra *Laços de Família* de autoria de Clarice Lispector, é narrado em 3ª pessoa. A respeito de conto é importante ressaltar o que nos explica Reis (1986) sobre esse tipo de gênero literário. A autora afirma que em sua antiga forma era uma narrativa oral, “frequentando as noites de lua em que antigos povos se reuniam e, para matar o tempo narravam ingênuas histórias de bichos, lendas populares ou mito arcaicos” (REIS, 1986, p.8). Ainda de acordo com a autora um conto parece ser, a partir de um fragmento da realidade, a partir de um episódio fugaz, a partir de um dado extraordinário, mas muitas vezes despercebido do real a partir de um fato qualquer e porque não a partir de fato nenhum, a construção de um sentido que produza no leitor algo como uma explosão levando as comportas mentais a expandirem-se, projetando sensibilidade e a inteligência a dimensões que ultrapassem infinitamente o espaço e o tempo de leitura. (REIS, 1986. p.48)

Com isso, compreende-se que conto é a forma narrativa, em prosa, de menor tamanho, mesmo que comporte os mesmos elementos do

romance. Entre suas principais características estão a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito ou impressão total.

Reis observa ainda que é difícil precisar o momento em que surgiu entre nós o primeiro conto com características genuinamente literárias. Durante as primeiras décadas do século XIX, mais precisamente a partir de 1830/40, aparecem com certa frequência na imprensa cotidiana produções muito próximas do gênero.

De acordo com Cereja e Magalhães (2005), o conto é um texto curto que pertence ao grupo dos gêneros narrativos ficcionais. Caracteriza-se por ser condensado, isto é, apresentar poucas personagens, poucas ações e tempo e espaço reduzidos. Nos gêneros narrativos, a sequência de fatos que matem entre si uma relação de causa e efeitos. Um dos mais importantes elementos do enredo é o conflito. O conflito é uma oposição de interesses que, ao criar um ensaio em torno da qual se organizam os fatos narrados prende a atenção do leitor ou ouvinte.

A narrativa apresenta ao leitor o “percurso” de uma mulher em um jardim zoológico. A personagem carrega a marca de uma paixão não correspondida e dirige-se aquele local a fim de

encontrar respostas para as emoções que passa a sentir: ódio, amargura, rancor, desejos de matar. No texto vemos que a mulher diz que vai ao jardim zoológico para adoecer, procura no local a carnificina, os excrementos.

Ao olhar os animais nas jaulas a mulher confunde-se com eles, não sabe quem está preso, se ela ou as criaturas. Como pode ser observado neste trecho do conto em análise

(...) Com os punhos nos bolsos do casaco, olhou em torno de si, rodeada pelas jaulas, enjaulada pelas jaulas fechadas (...)” (LISPECTOR, 1998, p 126).

A mulher vislumbra atentamente o comportamento dos animais. Tem inveja e ao mesmo tempo ódio dos mesmos quando percebe que eles estão acasalando-se. Ao olhar os macacos descreve-os como nus e está obcecada em exterminar aqueles seres despídos, ou seja, qualquer vestígio que lembre sexualidade e amor.

O passeio segue e a mulher vê girafas, hipopótamos, leões, camelos, elefantes e a cada um destaca uma peculiaridade. Bachelard (2001) destaca que há uma grande diferença entre uma imagem literária que descreve uma beleza já realizada, uma beleza que encontrou sua plena forma, e uma imagem literária que trabalha no mistério da matéria e quer mais sugerir do que descrever (BACHELARD, 2001, p.6).

No parque de diversões do local onde a mulher se encontra, decide ir até a montanha russa, talvez em busca de uma emoção como descreve Clarice: mas de repente foi aquele voo de vísceras, aquela parada de um coração que se surpreende no ar, aquele espanto, a fúria vitoriosa com que o banco a precipitava no nada e imediatamente a soerguia como uma boneca de saia levantada (LISPECTOR, 1998, p. 129). Após a experiência no brinquedo a mulher sai desorientada meio que perambulando pelo local, de acordo com a descrição da mesma foram poucos minutos longe do chão, mas que conseguiram despertar sensações e lembranças guardadas em seu íntimo.

Seguiu encontrando mais bichos, desta vez o quati. O que a mulher queria achar, finalmente? Clarice nos dá uma pista “onde encontrar o animal que lhe ensinasse a ter o seu próprio ódio?” (LISPECTOR, 1998, p.131).

Assim a autora planta no leitor dúvidas. Carregava ela uma arma em seu casaco marrom?

O passeio pelo jardim zoológico era sonho ou realidade, metáfora. O que representa o búfalo? O que viveu ou sentiu, era sonho ou realidade? A partir desses questionamentos

tentaremos analisar o conto através de uma perspectiva mítica.

Metodologia

Como método de análise para desenvolver o presente artigo utilizou-se a pesquisa bibliográfica, que tem como características a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos e outros documentos. Optou-se por este caminho por entender que esta seria a melhor forma de responder ao nosso problema, pois a pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema.

Resultados

Através do conto em análise pode-se perceber que a literatura perpassa seus limites de enunciação e de significação, dessa forma, a construção bem como a observação da mesma pode ser realizada sob diversos olhares, isto é uma característica dos estudos literários contemporâneos que aproximam a literatura de outras disciplinas resultando assim a interdisciplinaridade, fator este de extrema importância por agregar valores ao objeto que se é explorado por conter vários pontos de vista.

Discussão

O significado dos mitos é recorrente nas obras de diversos autores. Traremos aqui a contribuição de alguns deles sobre o tema. De acordo com Souza Filho (1995), mito vem do grego *mythos* e significa “fábula”. Nesse sentido é um texto que usado para transmitir a tradição oral, conservando as memórias coletivas, perpetuando assim a cultura dos povos. Os mitos exprimem pelas palavras a existência humana no mundo, tornando-a concreta.

Souza Filho (1995) também traduz o mito como uma narrativa, na visão do autor trata-se de uma história com aspecto extraordinário: É o relato de um fato fabuloso, que se acredita verdadeiro e supõe acontecido num tempo muito afastado e impreciso. Segundo o autor os mitos contam, em geral, histórias que com frequência falam do começo, da origem e do fundamento de práticas, costumes e crenças de um grupo social ou do gênero humano e geral.

Souza (2001) afirma que os mitos passam a ser modelos de conduta e conferem sentido à existência humana. O fenômeno universal da mitologia comprova que os mitos têm razões muito determinadas para existir e funções também muito determinadas a cumprir. As narrativas mitológicas, como explicações sobre as origens, confirmam

como tudo se ordenou para dar condições à harmonia da vida.

Depreende-se através dos trechos acima citados a importância do mito para fatores sociais e históricos, contribuindo, dessa forma, para a cultura de um povo, bem como, para os processos imagéticos. O mito se opõe ao *logos* como a fantasia à razão como a palavra que narra à palavra que demonstra. *Logos* e mito são as duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida do espírito. O *logos*, sendo uma argumentação, pretende convencer. O *logos* é o verdadeiro, no caso de ser justo e conforme à “lógica”; é falso quando dissimula alguma burla secreta (sofisma). Mas o mito tem por finalidade apenas a si mesmo. Acredita-se ou não nele, conforme a própria vontade, mediante um ato de fé, caso pareça “belo” ou verossímil, ou simplesmente porque se quer acreditar. O mito assim atrai em torno de si toda a parcela do irracional existente no pensamento humano; por sua própria natureza, é aparentado à arte, em todas as suas criações. (PIERRE GRIMAL APUD COTRIM, 2000, p. 73).

Passe-se então para a análise do conto no campo mítico. Na narrativa o ápice da trama se dá quando a mulher encontra-se com o búfalo, que aqui traduzimos como a figura mitológica grega do Minotauro, representado por uma criatura metade homem, metade touro que habitava no Labirinto localizado na Ilha de Creta, que pode ser comparado ao jardim zoológico, espaço onde se desenrola a história de Lispector.

Segundo o mito, o Minotauro nasceu porque o seu pai Poseidon, rei dos mares cometeu um desrespeito. O rei Minos, antes de tornar-se rei de Creta, havia feito um pedido ao deus para que ele se tornasse o rei. Poseidon aceita o pedido, porém pede em troca que Minos sacrificasse, em sua homenagem, um lindo touro branco que sairia do mar. Ao receber o animal, o rei ficou tão impressionado com sua beleza que resolveu sacrificar um outro touro em seu lugar, esperando que o deus não percebesse.

Poseidon diante do desacato de Minos decide castigá-lo, articula para que a esposa dele (Minos), Pasífae, se apaixone pelo touro. A mulher então engravida do animal vem ao mundo o Minotauro. Com o nascimento do mostro e muito amedrontado, Minos pede ao arquiteto Dédalos, que construa um labirinto gigante e complexo para que a criatura ficasse aprisionada e a fuga daquele local pudesse ser impossível.

Minos alimentava o Minotauro com vítimas humanas, após três anos com a mesma prática, Teseu resolve acabar com os sacrifícios e se oferece para matar o mostro. Ao chegar na ilha apaixonava-se pela filha do rei Minos, Ariadne. A moça resolve ajudá-lo na investida e antes que o

jovem entrasse no labirinto entrega-lhe um novelo de lã para que ele pudesse marcar o caminho.

Ao entrar no labirinto Teseu percebe que o animal está dormindo e com uma espada mágica, também presenteada por Ariadne, abateu o Minotauro, ele conseguiu resgatar alguns jovens que estavam vivos no local e saiu do labirinto seguindo o caminho de lã.

Dessa forma, podemos perceber que no conto a personagem confronta-se com o animal “Lá estavam o búfalo e a mulher frente a frente. Quase inocentada meneando uma cabeça incrédula, a boca entreaberta. Inocente, curiosa, entretanto cada vez mais fundo dentro daqueles olhos que sem pressa a fitavam, ingênua, num suspiro de sono, sem querer nem poder fugir, presa ao mútuo assassinato” (LISPECTOR, 1998, p.135).

Analisando os trechos do conto podemos observar que tanto a figura do búfalo e do Minotauro causam sensações de medo e a morte seria consequência inevitável de quem se aproximasse do animal. Na mitologia ao contrário, o mostro foi debelado para que não causasse mais mortes. Ressaltamos ainda as considerações de Durand (2001) sobre o imaginário significados e domínios: O imaginário como conjunto de imagens ou de relações de imagens que constituem o capital pensado do *homo sapiens* é o grande denominador fundamental que se encontra todas as criações do pensamento humano, pensamento este que de segundo Durand (2001) é pré-representação, isto é, passa por articulações simbólicas. Assim, o imaginário para além da simples representação intelectual. (DURAND, 2001, p. 58)

No conto em estudo temos a presença de diversos elementos que podem ser comparadas a figuras mitológicas. Mircea Eliade (1991) afirma que os símbolos, os mitos e os ritos revelam sempre uma situação histórica: ou seja, aquela em que o ser humano toma consciência de qual é o seu papel no universo. Ainda para a autora:

As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psique, eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: põem a nu as mais secretas modalidades do ser (ELIADE, 1991 p.13).

Sobre o mesmo assunto, Durand (2001), por sua vez, afirma que a literatura se revela como uma explosão da linguagem. A poesia faz o sentido da palavra ramificar-se envolvendo-a numa atmosfera de imagens.

Observa-se o trecho a seguir do conto:

“Só o cheiro quente lembrava a carnificina que ela viera buscar no jardim zoológico” e aquele jogo de dualidade persiste Mas isso é amor, é amor de novo, revoltou-se a mulher tentando encontrar-se com o próprio ódio, (LISPECTOR, 1988 p.126).

Percebe-se que no zoológico a mulher procura punição para o que está sentido, como explica Sousa Filho (1995) que a existência de mitos sobre castigos, em todas as culturas, atesta que as sociedades humanas precisam da adesão dos seus membros a uma crença: a crença de que sem o exemplo da punição não existirá respeito e obediência às leis, às regras, aos costumes (SOUSA FILHO, 2001, p. 86).

A montanha russa a qual a mulher se aventura a experimentar aqui pode ser entendida como uma punição para o que sente. É necessário que sinta medo para que o sentimento de ódio presente em sua vida se transformem. “A brisa arrepiou-lhe os cabelos da nuca, ela estremeceu recusando, em tentação recusando, sempre tão mais fácil amar. Mas de repente foi aquele voo de vísceras aquela parada de um coração, aquela sensação de morte às gargalhadas, morte sem aviso (LISPECTOR, 1998, p.129). A adoção das práticas de castigos e penas de morte nas sociedades humanas pode ser assim situada: como recursos de punição, os castigos e as penas de morte são exemplos máximos do que pode vir a ser feito com aqueles que fugirem às normas, infringirem as leis da sociedade (SOUZA FILHO, 1995, p. 81)

No conto, uma passagem que pode ser identificada como referencial a um mito, é revelada no encontro da personagem com os macacos. A nudez, vista sob outra ótica, outro ângulo e identificada como natural, diferentemente do que acontece com o ser humano, que ao longo dos anos, habituou-se a vestir-se e cobrir as partes íntimas, identificada como XXX. A nudez, representada no texto em “A nudez dos macacos.

O mundo que não havia perigo em ser nu. Ela mataria a nudez dos macacos. (LISPECTOR, 1998, p. 127)”, remete ao princípio da vida, a criação do mundo onde o homem segundo escrituras e textos antigos mitológicos e mitificados, o homem antes do pecado original e desobediência, também vivia nu, em natureza e com os demais animais.

A mulher, em busca do ódio, decide matar a nudez do macaco. Ela inveja a liberdade vivida pelos animais, frente à sua ‘prisão’ ao mundo real dos seres humanos, que tomados pela consciência do pecado, tornam-se conhecedores do bem e do mal. Observamos a referência ao mito bíblico de Adão e Eva, que ao

desobedecerem as ordens do criador, comem o fruto proibido (a maçã), e ao se verem nus perdem a pureza e Deus os castiga tirando-lhes a imortalidade. Como ressalta Sousa Filho: A morte também é contada pelos mitos como uma intrusão dos deuses na vida dos homens. A morte não havia no começo, mas apareceu como punição pela desobediência, ingratidão ou simples estupidez humana (SOUSA FILHO, 1995, p. 89).

Ao encontrar com o elefante, Clarice Lispector relembra o mito do elefante, ao citar “O elefante oriental. Também a primavera oriental, e tudo nascendo, tudo escorrendo pelo riacho”. Na tradição indiana, o elefante compartilha da natureza humana, já que, como conta um mito, quando sete filhos de *Aditi* remodelaram o oitavo filho, a carne excedente, jogada fora, tornou-se um elefante.

Outros mitos orientais são bastante representativos da relação humana com os elefantes. Há um mito hindu que afirma que o mundo é suportado por quatro ou oito enormes elefantes, que se apóiam sobre uma tartaruga maior ainda e rodeada por uma serpente gigantesca. O Deus da sabedoria e da erudição, *Ganesh* é representado com a cabeça de um elefante. Na ioga, o elefante é símbolo de estabilidade. Na Índia, a posse de um elefante por reis, significa poder, soberania e riqueza.

O texto de Clarice Lispector apresenta características do que Durand (2001) classifica como mitemas. Sobre a mitocrítica, o autor afirma que depende de um texto cultural, e as obras literárias são as que estão mais próximas do mito em função da narrativa que apresentam. Quando em *O búfalo* Clarice apresenta de maneira repetitiva palavras como o ódio, zoológico, animais e amor, dentre outros, podemos perceber a construção de mitemas obsessivos, considerados a partir da redundância e da obtenção de significação através da repetição, recorrência. Os mitemas, segundo Durand, podem ser um motivo, um objeto, um cenário mítico ou mesmo uma situação dramática.

Os mitos são sistemas representativos de uma época e atuam para orientar e modelar a vida humana. Assim, eles são responsáveis pela dinâmica social ou pelas produções individuais representativas do imaginário cultural, no tempo e no espaço. Dessa forma, os mitos funcionam como realidades instaurativas. Nos textos literários, como é o caso do conto de Clarice Lispector, que a mitocrítica, entendida como método de crítica de texto literário, pode ser desenvolvida percebendo-se a construção textual como representativo de uma época.

Durand estabelece três formas de identificação dos mitemas e do mito nos textos culturais. Através de um levantamento de

elementos que se repetem de forma obsessiva e significativa na narrativa e que são consideradas as sincronias míticas da obra um exame do contexto em que aparecem; das situações e da combinatória de situações, personagens e cenários; a apreensão das diferentes lições do mito e das correlações de uma lição de um mito com as de outros mitos de outras épocas ou de um espaço cultural determinado.

Conclusão

No conto, os mitemas são apresentados tanto na forma patente como também latente. A busca pelo ódio é explicitada durante todo o decorrer do texto e expõe o contexto cultural do momento no qual o texto foi produzido, mas também torna-se contemporâneo, tendo em vista as inúmeras manifestações de ódio e de violência praticados na atualidade. Como mitema, a palavra constitui-se como repleta de significâncias dos dias atuais, por possibilitar reconhecermos a densidade mítica do momento cultural e social. Outra palavra, também reconhecida como mitema, trata-se do 'amor'. Ele representa um mito já constituído e recorrente época após época, de forma instituída e tornada um mito coletivo e não mais do autor.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Texto e interação**: uma proposta textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2005.
- _____. **Literatura Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Atual, 2000.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**-história e grandes temas. 15ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- DURAND, Gilberto. **O imaginário**: acerca das ciências da filosofia da imagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- REIS, Luzia de Maria. **O que é conto**. 2ª ed. São Paulo: editora Brasiliense, 1986.
- SOUSA FILHO, Alípio de. **Medos mitos e castigos**: notas sobre a pena de morte. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- SOUZA, Sonia Maria Ribeiro de. **Um outro olhar: filosofia**. São Paulo: FTD, 2001.